

NOTA INTRODUTÓRIA
Francisco Pinto Balsemão

SÁ CAR NEI RO

a caminho
da liberdade

2.º volume
1973 – 1974



PREFÁCIO DE MARIA DA GRAÇA CARVALHO

TEXTOS

2.º VOLUME
[1973-1974]

IF
SC INSTITUTO
FRANCISCO
SA CARNEIRO

ALTHEIA
EDITORES

PREFÁCIO DE MARIA DA GRAÇA CARVALHO

O CAMINHO DA PERSISTÊNCIA

Após se ter destacado enquanto Deputado da Ala Liberal, entre 1969 e 1973, Francisco Sá Carneiro continuou a lutar por aquilo em que acreditava, batendo-se pela democratização do país e tentando impor a sua visão dentro do regime que permanecia em Portugal.

O então advogado portuense deixara o Parlamento ao perceber que a sua influência parlamentar não evoluía e que os deputados da Ala Liberal não faziam vingar as suas propostas parlamentares. Dera um “murro na mesa” do regime vigente, não aceitando ser tratado como “um mero objeto decorativo”. Sentia que já não fazia sentido continuar no Parlamento. As suas propostas não vingavam, as suas opiniões não eram ouvidas e as promessas eleitorais não estavam a concretizar-se. Saiu, mas não deixou de lutar. Coragem, determinação e persistência estão no topo das características que o definiram como um dos pais da democracia portuguesa.

É precisamente esse período que retrata este segundo volume. Desde a saída do Deputado da Ala Liberal até à chegada do dia em que a liberdade veio para ficar no nosso País. Foram dois anos, 1973 e 1974, muito difíceis. Portugal estava dividido: uns compreendiam a sua saída da Assembleia Nacional, outros defendiam que Sá Carneiro deveria ter ficado tentando fazer oposição por dentro ao regime.

A persistência de Francisco Sá Carneiro voltou a ser determinante. Saiu, mas não desistiu, nunca abandonando o espaço de intervenção. Da tribuna parlamentar, passou a escrever em espaços de

opinião escrita. Com ainda mais força e entusiasmo. Uma força que a censura não calava.

Este era o lutador Sá Carneiro. Do palanque parlamentar onde o silenciavam, até à coluna de opinião “Vistos”, um espaço de opinião política semanal no Expresso que ganhou enorme popularidade.

Os seus textos de opinião, os resumos das suas intervenções enquanto deputado da Ala Liberal, marcavam a diferença num tempo que já transpirava mudança. O caminho da persistência, dos últimos anos do regime do Estado Novo ao início da nossa democracia, é essencial para que todos percebam, sobretudo as novas gerações, que Sá Carneiro foi um dos que sempre acreditaram que o caminho da democracia era a única via para Portugal.

Em 1973, destacava-se já como um político diferente, alguém que conquistava, cada vez mais, o respeito e a consideração da população. Francisco Sá Carneiro representava a esperança de ultrapassar um País amordaçado. E nem as questões de saúde, provenientes de um grave acidente de viação, lhe retiraram o foco.

Na altura, muitos questionavam o porquê de alguém que tinha iniciado a sua carreira política apenas há dois anos, alguém que tinha entrado para a Assembleia Nacional muito recentemente, ser já tão popular. Francisco Sá Carneiro ascendia rapidamente ao topo, ocupando o primeiro lugar nas sondagens e estudos de opinião que se realizavam na época. Já naquela altura, e mesmo não desempenhando funções públicas, era já uma das principais figuras políticas em Portugal.

Consciente dessa responsabilidade, do seu papel nos ventos de mudança que se sentiam, Sá Carneiro não deixou de fazer frente a um regime decadente, autoritário e controlador. Um regime que, quase 47 anos depois, ainda inspira receio a alguns. Mas que Francisco Sá Carneiro nunca temeu. Derrubar esses fantasmas foi uma das suas batalhas. Uma batalha que travou sabendo que, atrás de si, estava um povo que queria ser livre.

Sá Carneiro estará sempre entre os que puseram termo ao Estado Novo e trouxeram a democracia ao nosso País. Fê-lo por si, pelos seus e pela sua geração. E fê-lo também por nós, que hoje respiramos em liberdade.

*Maria da Graça Carvalho,
Presidente do Instituto Francisco Sá Carneiro*

NOTA INTRODUTÓRIA DE FRANCISCO PINTO BALSEMÃO

No final de abril de 1973, Francisco Sá Carneiro sofre um aparatoso acidente em Famalicão, e no hospital são lhe diagnosticados uma série de traumatismos internos. A recuperação é lenta e Francisco Pinto Balsemão substitui-o na redação da crónica "Vistos". A primeira edição, de 9 de junho de 1973, é dedicada ao amigo e ex-colega da Ala Liberal:

"Como foi? Como atingiu Francisco Sá Carneiro, passados apenas dois anos sobre o início da sua carreira política, o primeiro lugar nas sondagens de opinião acerca da popularidade dos parlamentares? Que leva Artur Portela Filho a dedicar-lhe lugar de prestígio na última "Funda"? Porque se interessou de tal modo o público pelo seu estado de saúde, logo a seguir ao acidente de viação, a sua vida estava em perigo, ao ponto de o serviço de noticiário do Rádio Clube Português ter transmitido o seu boletim médico antes de qualquer informação nacional ou internacional? Quais os motivos do êxito dos livros que publicou com as suas intervenções em S. Bento? Que obrigou os jornais considerados de esquerda a quase sempre o tratarem com especial relevo e consideração? Como se explica que muitos dos participantes de Aveiro e de Tomar tivessem encarado a eventual presença de Sá Carneiro nos congressos respetivos? Que razões transformaram um advogado portuense na casa dos trinta e cinco anos (bom profissional, família conhecida, mas sem

qualquer experiência da vida política) na "maior figura política da nossa atualidade"? Com respeito, antes de mais, é bom ter presente que não é a renúncia de Sá Carneiro ao mandato como deputado que lhe confere projeção. Pelo contrário, é o facto de essa projeção já existir que atribui importância à renúncia.

Para mim, Sá Carneiro atingiu o relevo por todos admitido pelas suas qualidades pessoais e pelas circunstâncias que vivemos desde o início da era marcelista. Por um lado, Francisco Sá Carneiro é claro, conciso, frio (e, como é óbvio, inteligente) e sabe escolher com coragem os temas que aborda. Os arroubos líricos da oratória novecentista estão ultrapassados; já ninguém tem paciência para ouvir durante meia-hora o que pode ser dito em cinco minutos. Além disso, num hemisfério onde se vivera demasiado na quase constante da paz podre, é preciso ter uma calma suficiente para não se deixar enervar, quando a ousadia do assunto tratado provoca a ira dos defensores do "establishment".

Recordo com especial prazer as infrutíferas tentativas feitas para atrapalhar Sá Carneiro, quando este falou, durante quase uma hora, de improviso, na discussão na generalidade da Lei de Imprensa. Por outro lado, o País, animado pelos indícios de abertura dos anos 68 e 69, julgou, nos primeiros anos da X Legislatura, que a vida política ia mudar substancialmente. Para que tal sucedesse, eram necessários novos políticos, sem os vícios dos anteriores, mais puros, talvez, mais ingénuos, mas em quem fosse possível acreditar. Sá Carneiro, por mérito próprio, foi rapidamente referenciado, adotado e destacado pela Imprensa e pelo cidadão anónimo. Ele era o que com maior preparação e objetividade falava sobre os problemas que interessavam à maioria. Ele era o que aparecia no momento oportuno com a palavra certa, o projeto de lei por que as pessoas ansiavam, a crítica implacável, mas serena. Ele simbolizava a esperança de normalização-liberalização da sociedade portuguesa.

Quando, mais tarde, se verificou que os desejados tempos novos tardavam em surgir, esse aspeto simbólico reforçou-se, na medida em que evolui para o mito da luta sem possibilidade de vitória e aos valores da coerência e da determinação. Decorridos mais de quatro meses sobre a sua renúncia, é sintomático notar que o nome de Sá Carneiro continua a ser pronunciado

com respeito por Oposições e Situações e, talvez mais ainda, por aqueles que não aderem a qualquer das duas correntes políticas (clássicas de há meio século para cá). Lacunas e... lacunas.

Haverá este ano eleições para a Assembleia Nacional. Será curioso observar como as partes em confronto direto (bem como as que entenderem não jogar a partida eleitoral) tentarão preencher a lacuna provocada pela muito provável ausência voluntária do fenómeno político Sá Carneiro. E que lacunas há e haverá muitas (algumas até serão bem-vindas). Mas Sá Carneiro, no atual condicionalismo, dentro das dificuldades de movimentos vigentes, considerando os espaços de manobra permitidos e as independências (e dependências) que lhes acarretam, há poucos. Ou melhor, se quisermos ser cem por cento realistas: só há um."

Lisboa, 9 de junho de 1973

Francisco Pinto Balsemão